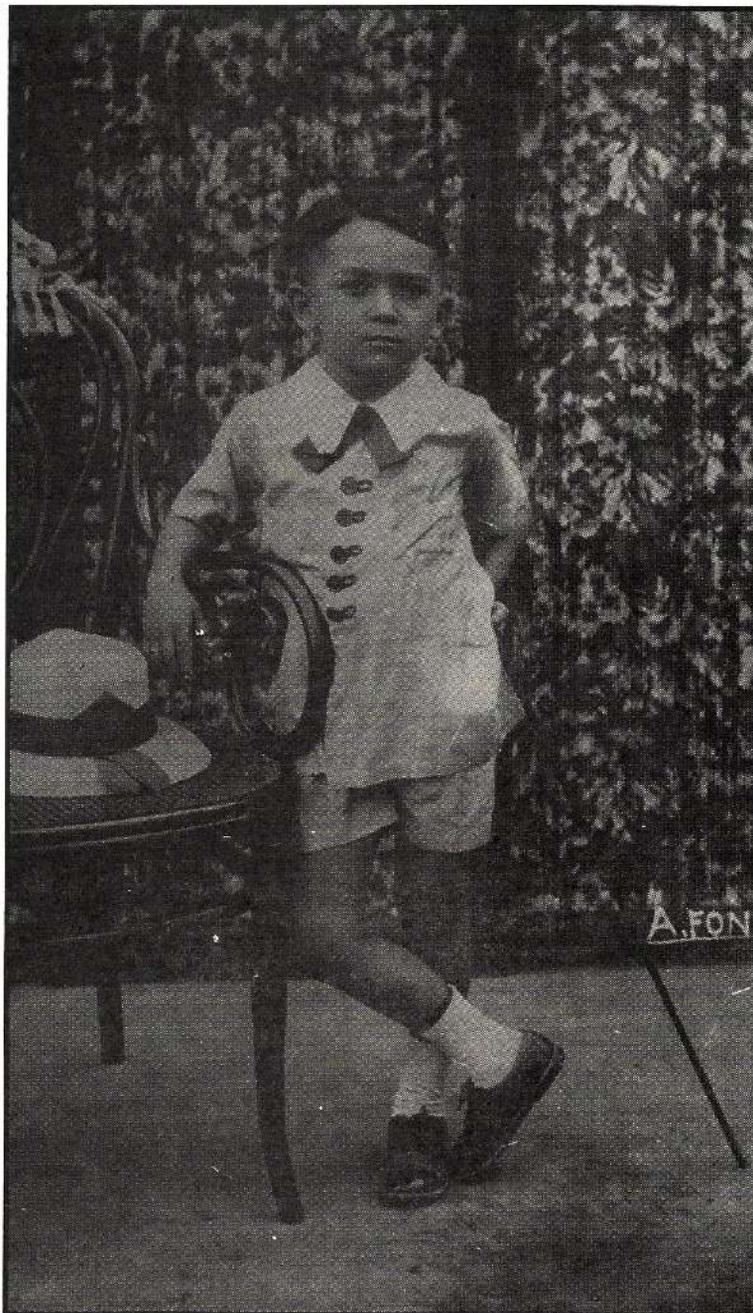


“Só o retrato nos prega à eternidade”

José Guilherme P. Barata



Ruy, aos 6 anos de idade, em Santarém

*“Ah! como a vida é ligeira!
Ah! como o tempo defluiu!
Este espelho não mais fala
da criança que já fui,
das minhas rugas ruindo
apenas um nome rui.”*

(Nativo de Câncer)



Foto Oliveira

Antonio Bento Paranatinga e Alarico Barata - avô e pai de Ruy Barata - em 4 de dezembro de 1920.
Nas mãos de Antonio Paranatinga, um exemplar do romance SELVA, de Ferreira de Castro.

.....

*A*ceitemos o risco das buiunas,
capivaras e botos no tinteiro,
aceitemos o sangue das bordunas,
vertido nesse chão de muitas veias,
aceitemos o pão das piracaias,
aceitemos o não das Malafaias,
aceitemos o cacho de pupunhas.

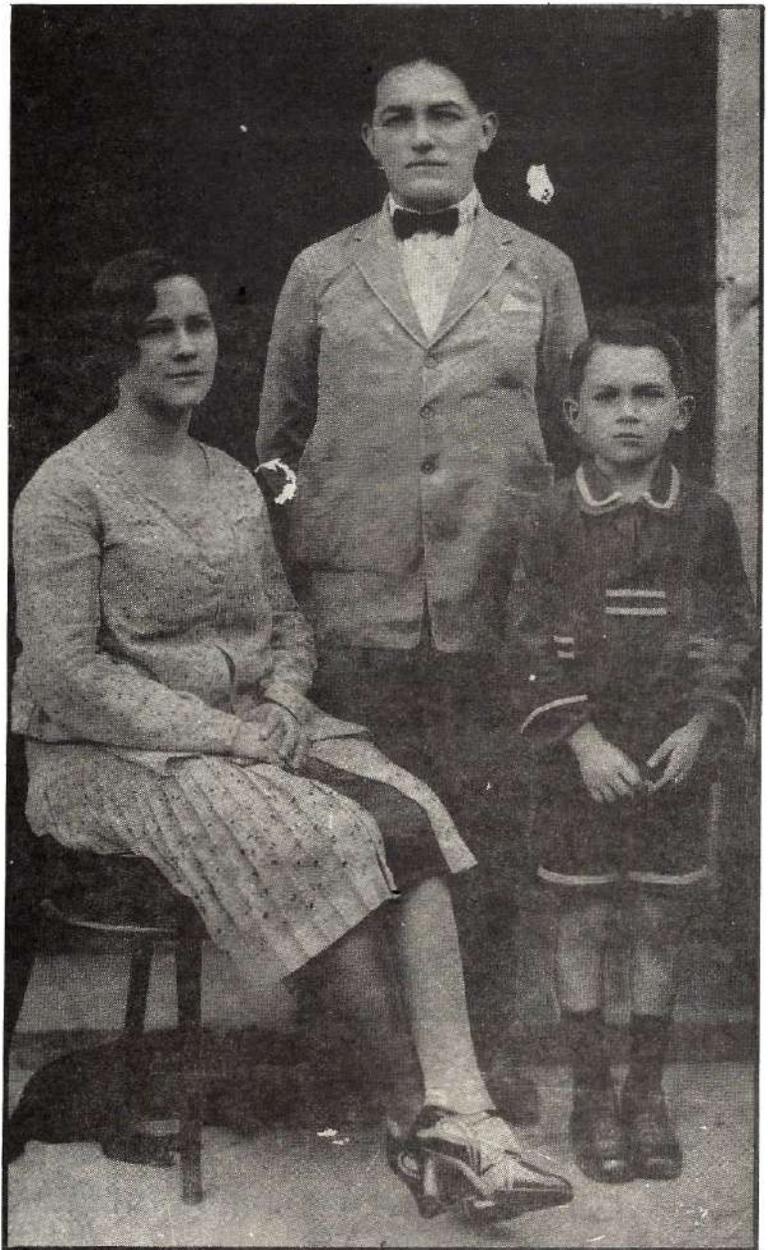
*A*larico, meu pai, nas passeatas
de Camões claros versos repetia.
Minha mãe abria um leque de cigarras
e um naipe de modinhas no banheiro.

*M*inha avó trançava bilro e matizes
e sempre se queixava das varizes
e dos sonhos fiéis que alimentava.

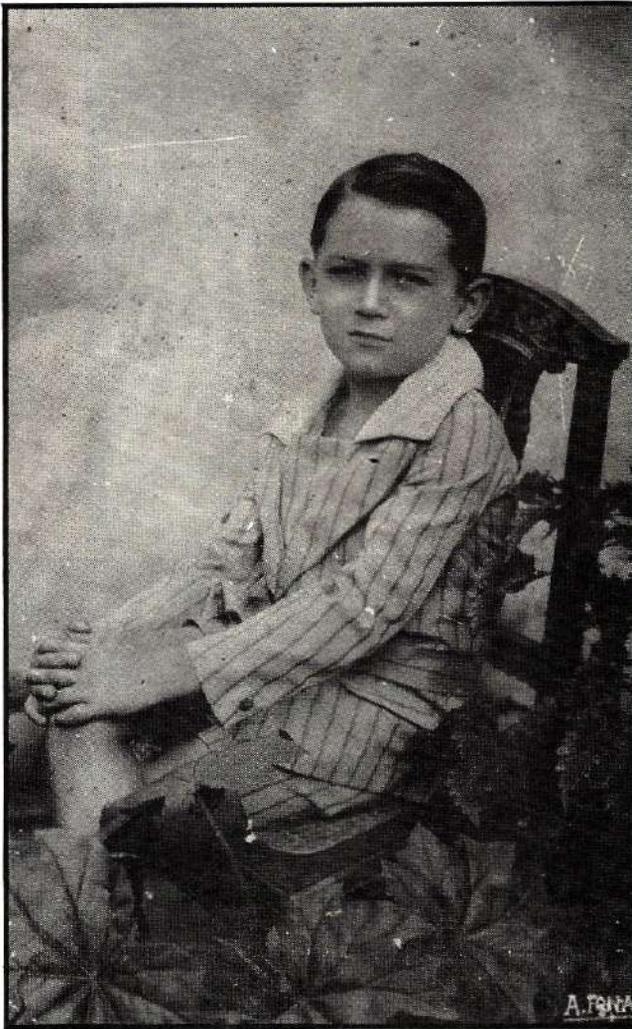
*A*li brotavam remos e catraias
onde o rio se deitava e adormecia.

.....

Nativo de Câncer



Ruy e seus pais. Santarém, 24 de agosto de 1927



POEMA

*Sobre o piano - rosas
entre as rosas o azul
e o azul não era azul
era vermelho.*

*Tocavam Bach
e era como luz que transitasse
no mistério.*

*Todos estavam silenciosos
e no fulgor das pupilas
envenenadas pelo medo
havia uma estranha dor de morte
prematura.*

*Minha mãe chegou a mim e disse: fica
meu avô me segurava do retrato,
meus netos me acenavam do futuro.*

*Porém eu estava sitiado
entre a fuga e a tocaia.
A nuvem carregou-me adormecido,
varei a criação,
transpus o limbo,
quando acordei,
meu pai,
já era céu.*

Reprodução - "O ART NOUVEAU" em Belém - Célia Bassalo



Senhora Mª José Paranatinga - mãe de Ruy Barata

*“Minha mãe abria um leque de cigarras
e um naipe de modinhas no banheiro...”*

Nativo de Câncer



Ruy, no dia da Primeira Comunhão, em Santarém, 31 de maio de 1929.

*“Hoje falaremos da crucificação
dizia o padre-mestre e pregava
a mão que anoitecera no martírio.”*

Nativo de Câncer, segundo conto, sobre as
aulas de catecismo de Frei Ambrósio



.....
Um homem cresce querendo
e cresce quando não quis.

.....
Crescer é rima de vida
mas também é de morrer.

Crescer é tema ferida,
que só dói no entardecer.
Em cada raiz da morte
há sempre um verbo crescer.

E cresço: macho e poeta.
(Subo em linha, volto em cor)
cresço violentamente,
cresço em rajadas de amor.

.....
Canção dos quarenta anos.

Ruy, aos 12 anos, em Belém

VINTE SETE ANOS QUASE VINTE OITO

A silenciosa espera, a valsa, o ramalhete,
o jeito de sofrer, a fronte larga,
o coração fiel e inviolável.

Forte sou in da que seja fraco
eñtre as espécies reino soberano,
o drama situou-me entre vigílias
e o poema devasta mais que o aniversário.

Se sou é para a tirania da beleza,
a poesia em mim cortou-me as pernas,
asas não tenho e bem queria tê-las,
o Fauno adormecido vive ainda
e o corvo lhe segreda: nunca mais.

Poemas e orações tenho em segredo,
palavras de doer guardo também,
uma delas é Ruy,
outra Guilherme,
maninha, céu, outrora, devaneio,
Heloisa já foi e não é mais.

O amigo fiel chama-se Chico,
o amigo infiel onde andará?
mais ce que je veux voir dans ce matin
c'est le marin sans bateau,
le pauvre Lelian,
ó poeta que amai e ainda amo,
ó tendre voix du Quartier Latin.

Geograficamente, o azul é a minha pátria,
politicamente, o amor é meu governo,
e o sobrenatural a grande vocação.
E este jeito de amar que é quase escudo
(a timidez de amar embora ame)
e este riso feroz que é meu demônio.

Porém forte sou ainda que seja fraco
(não passei junto a ti sem lágrimas na face?)
(não tomei tua mão sem comoção alguma?)
mas nunca sou tão forte como agora
quando digo ao poema vai-te-embora.

A Linha Imaginária





Ruy Barata, em Óbidos

INDAUÊ TUPÃ

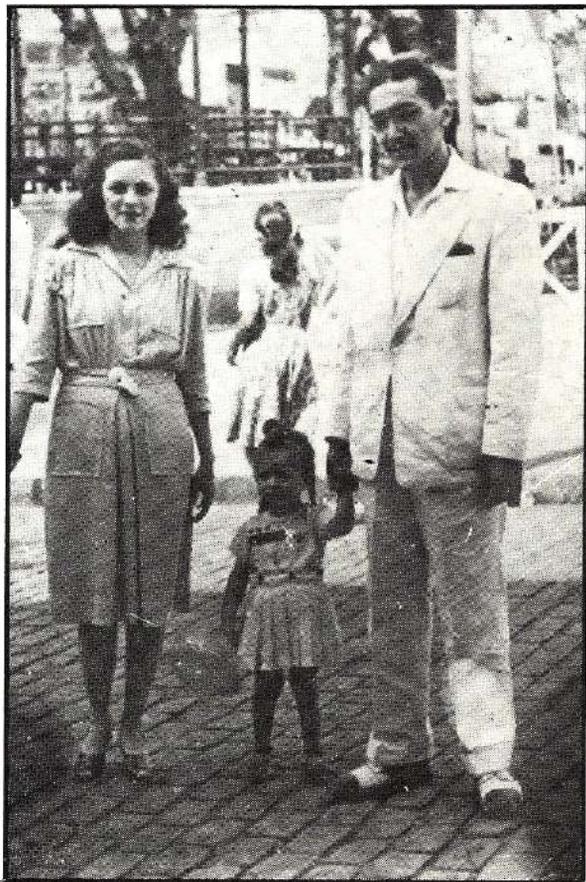
Paulo André e Ruy Barata

Ô indauê Tupã,
ô indauê Tupã,
vim de quando,
vou pra onde,
passei Conde,
Cametá,
a canoa
vai de proa
e de proa eu chego lá.

Rema, meu mano rema,
meu mano rema,
rema que o sol na brenha,
se qué deitá.
Rema, meu mano rema,
meu mano rema,
que a canoa vai de proa
e de proa eu chego lá,
que a canoa vai de proa
e de proa eu chego lá.

ODE AO MAR

Ó mar, ó velho mar dos velhos tempos
em que eu era o eleito do Senhor.
É mar, ó velho mar das velhas noites
em que eu adormecia sobre a tranquilidade
dos teus cânticos
como o corpo viajante dos afogados.
Ó mar, mar chamando os meus passos para
os caminhos distantes,
mar gritando por mim da noite escura
no grande sossego da sala iluminada
pelos candeeiros.
Ó mar, ó grande azul nos olhos
dos que partiam sem dizer adeus,
mar que eu sentia perfumado
como os grandes jardins,
mar tão longe do meu rio tão triste.
Ó mar, ó velho rude da noiva que partiu,
mar misterioso, mar profundo, mar aberto
para os nossos destinos.
Mar das que eram loucas,
mar das que eram tristes,
mar dos navegantes,
mar dos ventos libertos
sobre os nossos cabelos.
Mar das estrelas pensativas,
mar dos peixes,
mar dos suicidas,
mar iluminado das amadas errantes.
Mar das velas brancas,
mar das grandes luas,
mar fosforescente pelas brancas espumas
mar dos que ficaram
no fundo dos abismos,
mar do grande e profundo olhar de Deus.
Agora que não mais ouvirei o chamado das tuas
águas
eu quero te sentir como as amantes misteriosas
que nada pediram e que nada disseram
na hora em que o amor era cheio de promessas.
Eu quero te sentir velho mar
das brancas madrugadas
sobre os meus pobres olhos enfermos,
olhos mortos dos que não tiveram lágrimas,
olhos temos como dos bêbados,
olhos lúcidos como dos loucos.
Eu quero estar, ó velho mar,
pousado nos teus braços
como a saudade nos olhos dos que esperam.
Mar que eu chamo na noite,
mar que escuto nos ventos,
mar tempestuoso, selvagem e inexorável
morando eternamente no meu peito.



Ruy, Norma e Maria Diva. Fotografia tirada em outubro de 1943 - Largo de Nazaré-Belém

.....
 (as cartas,
 os aniversários,
 o velho álbum de fotografias
 onde ao virar da página
 perdia-se a fralda e a castidade)

.....
 Les evenements. A Linha Imaginária.

.....
 Alguém que seja infanta ou passarinho,
 mulher, criança, cão ou realejo

.....
 Breves considerações sobre o amanhecer - A Linha Imaginária

.....
 Um pensamento só, voltar à infância,
 um desejo qualquer, basta a esperança,
 e refloresces em dádivas e gestos.

.....
 A Linha Imaginária

Quedê rede balançando?
 Quedê peixinhos do mar?
 Quedê figo da figueira
 pru passarinho bicar?
 E o anel que tu me deste
 em que dedo foi parar?

Canção dos quarenta anos



Ruy e Maria Diva, viajando para Óbidos



Ruy e D. Norma - Rua do Passeio. Rio de Janeiro

.....
Tudo tão próximo de ti,
 tão ligado ao teu cotidiano,
 ao teu suor diurno,
 às tuas vigílias,
 às tuas palavras que emprestas
 uma outra significação.

.....

A Linha Imaginária

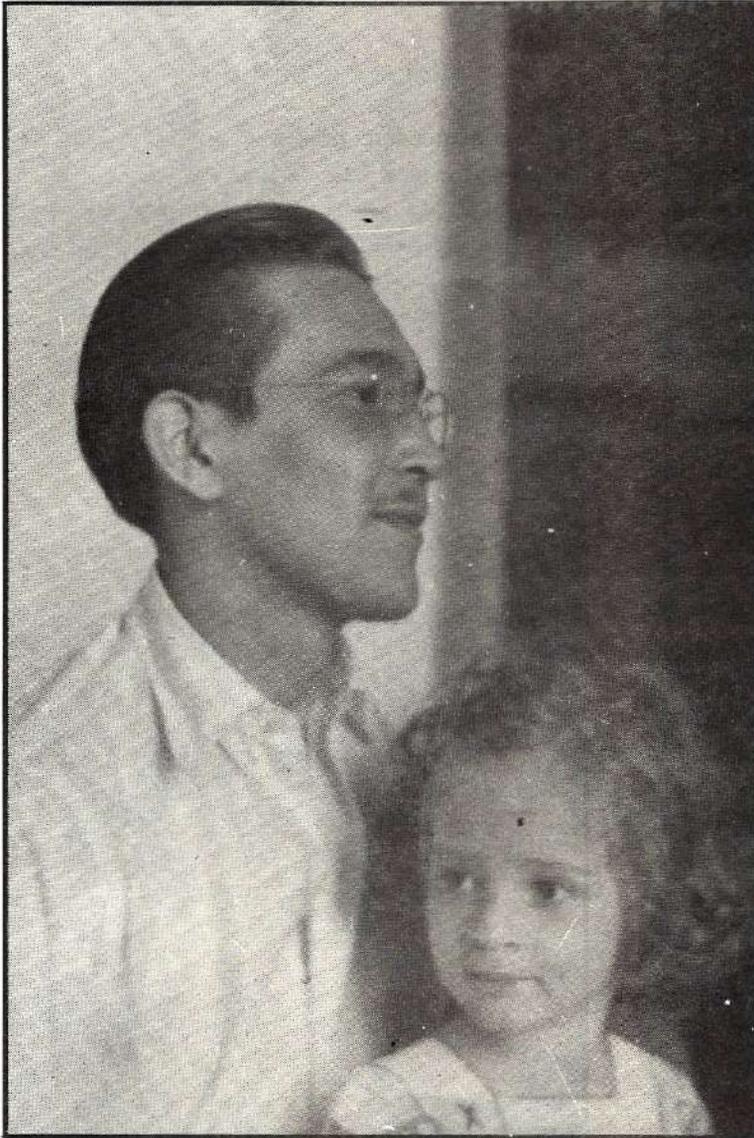
“...
 ...”

Que romance lerei hoje,
 que poeta me terá.”...

Breve considerações sobre o amanhecer
 - A Linha Imaginária



Maria Diva, Ruy e D. Norma, no dia do baile de debutantes da
 Assembléia Paraense



Ruy e Maria Diva

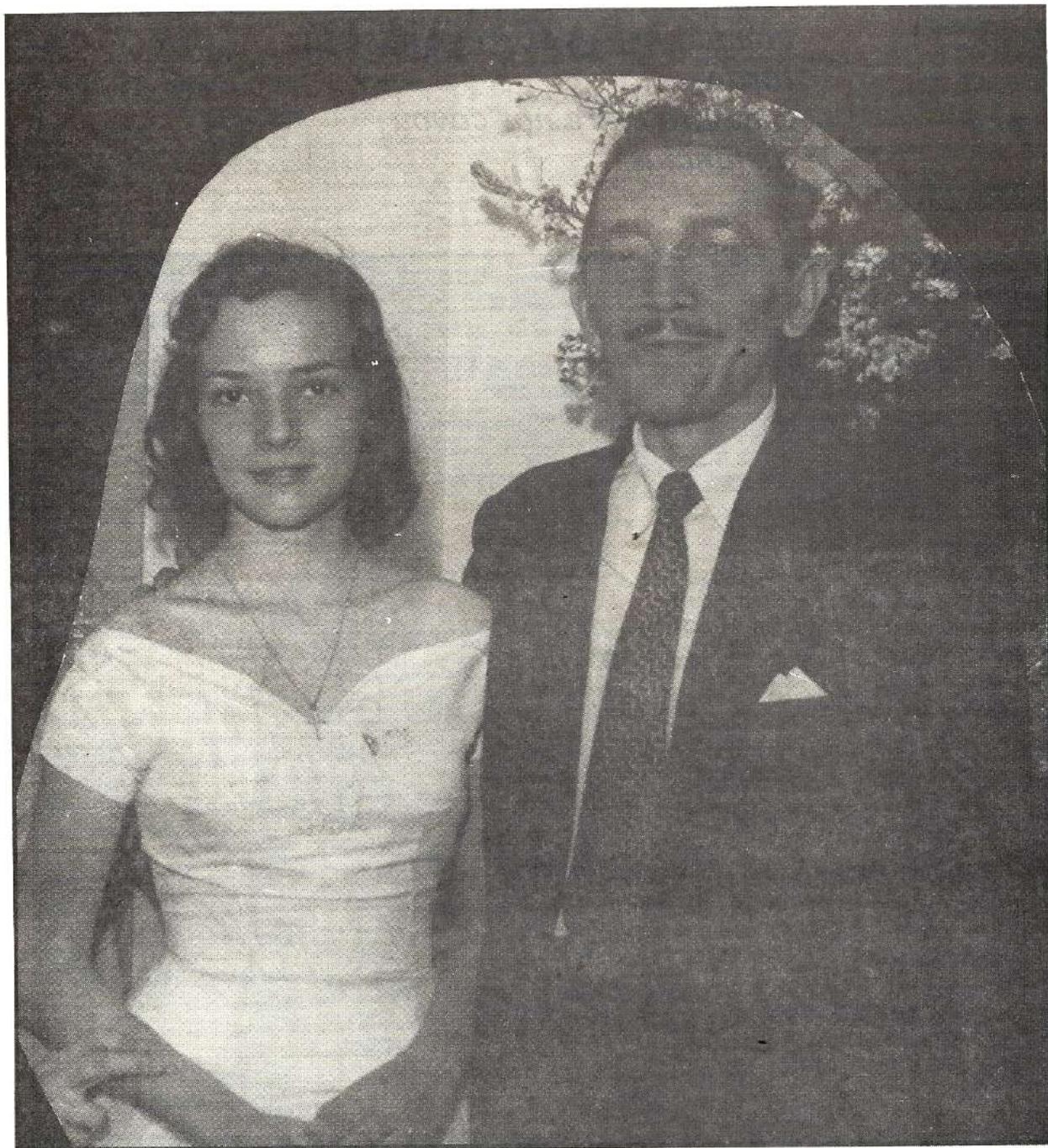
ACALANTO PARA MARIA DIVA (*)

*Sopra leve, vento leve,
na noite que vai cair,
no consolo a flor desmaia
nos meus dedos sinto frio
foi a Bruxa
foi a Fada
foi a Morte
ou foi Sacy?*

*Minha mãe reparte a ceia,
meu pai ainda não chegou,
deitado no quarto escuro
chamo por Nossa Senhora
que de leve abriu a porta,
de mansinho se chegou,
aqueceu-me no seu manto,
me acalmou,
me penteou...*

*Sopra leve, vento leve,
já dormindo me deixou.*

(*) poema publicado no livro A LINHA IMAGINÁRIA e musicado pelo maestro Waldemar Henrique em 1961



Ruy com Maria Diva, na sua festa de quinze anos

.....
*Cresço nos filhos crescendo,
cresço depois que me for.*
.....

Canção dos quarenta anos

.....
*onde andais amigos meus -
vinde depressa,
companheiros correi - já se faz
tarde,
o adulto entre nós cavou
distâncias*



**Ruy Barata,
Mário Couto,
Francisco Paulo Mendes,
César Calvo (pintor peruano)
Líbero Luxardo e
Cléo Bernardo**

"SÓ O RETRATO NOS PREGA À ETERNIDADE"

Breves considerações sobre o amanhecer
- A Linha Imaginária.



Benedito Nunes,
Raimundo Souza Moura
e Ruy Barata

.....
Amigos,
companheiros,
e correligionários:
Reconheci aquele que nos traz
humildemente
o sal da vida,
reconheci aquele que vos junta
no santo amor de Deus,
reconheci aquele que,
por vós,
longas horas de insônias tem passado,
ó reconheci antes que seja tarde
“antes que um nome se desloque no tempo
e um corpo no espaço”,
antes que o vosso amor seja apenas
a carícia brutal do vosso século,
o discurso inflamado ao pé da tumba,
- a fria estátua do passeio público,
- monogramas,
- papéis,
- fotografias,
e por fim a vossa solidão,
sim,
a vossa solidão ainda mais triste.
Amigos,
companheiros,
e correligionários:
.....

(do Manifesto do Povo Brasileiro no Cinquentenário do Poeta
Murilo Mendes)



DEPUTADO RUY BARATA

**PRESIDENTE DA COMISSÃO DE SAÚDE, EDUCAÇÃO E CULTURA
DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO PARÁ**

EDUCAÇÃO E CULTURA

BREVES CONSIDERAÇÕES

SOBRE O AMANHECER

A. Raul e Wilson

Escancarar as pálpebras e espelhos,
recompor a visão, nascer de novo,
trazer a mesma face vacilante
da mesma antiga noite insatisfeita,
bem quisera não mais sentir agora
a solidão e o peso dessas horas
de amargo tédio para sempre cheias.

Que romance lerei hoje,
que poeta me terá,
em que vidas viverei,
em que mar navegarei
este anelo que é tão vago,
e a saudade que é mais vaga,
de não sei coisas de outrora,
de não sei amor de quem?

As cartas de minha mãe ditam remédios,
a voz de meu avô é grave e funda,
onde andais amigos meus - vinde depressa,
companheiros correi - já se faz tarde,
o adulto entre nós cavou distâncias
só o retrato nos prega à eternidade.

Amanhecer, suar, beber anseios,
viver a vida que não desejei,
vacilante ficar ante a partida,
bater à porta, não achar ninguém,
ó indecisa saudade diz quem buscas
que quero amar perdidamente alguém.

Alguém que seja infanta ou passarinho,
mulher, criança, cão ou realejo
que fale, cante ou toque de mansinho
que me dê calma, que bem calma seja,
que me dane, me mate, ou me proteja,
da vida que jurei, desta saudade,
que não cansa, não cala, e desespera,
não dizendo a quem quer e a quem deseja.

Quero entregar-me todo,
dar-me inteiro,
a este amor que em mim vive intranquilo
à busca de seu nome verdadeiro.
Mas que seja o amor, o encantamento,
sereno como a brisa do mar alto,
feroz como do mar o alto vento.

Se for mulher
saibam todos
que o nome não importará,
que seja hermosa ou fermosa,
rosa ou flor de manacá.
Meu Deus não quero bela,
nem sincera,
nem singela,
mas que tenha ao menos ela,
e ela venha me salvar,
e fútil diga a saudade:
indecisa,
já vais tarde,
o que quero é rosetar.

Que seja Lena ou Maria
de Montmartre ou do Japão,
Maura flor de meretrício,
Tereza de Alter-do-Chão,
Floripes de Passa-Quatro.

Rosamunda de Belém,
Sheila ou Susy of Alabama,
Escrotildes de Alcobaça,
Moema de Santarém.

Mas como dói pensar que esta saudade
jamais satisfará os seus desejos
nesta manhã de abril, de azul tão casto,
onde se abrem pálpebras e espelhos.

LES EVENEMENTS



Havia o céu - eis tudo
(é um azul
incompatível
com a minha dignidade
de poeta
sufocado
pelos acontecimentos)
No teu seio, de pé, o Minotauro,
e a paz que me ofertavas - tão impura
- mergulhava no mundo das raízes.
Havia a catalogar os nomes,
(desde Adão ao último da Silva)
os dias.
(amontoados à sombra de uma solitária
inquietação)
as raças,
(segundo as suas características mais
pronunciadas:
o estúpido, o neutro, o bem-amado).
Havia a considerar o trágico e o grotesco
(as cartas,
os aniversários,
o velho álbum de fotografias
onde ao virar da página
perdia-se a fralda e a castidade)
os fantasmas
(rigorosamente classificados segundo a
ordem e a hierarquia)
as doenças.
(observadas pela maior ou menor
frequência dos desesperos
ou diagnosticadas pela relativa fidelidade
ao último poema).

Depois o abandono,
completo, -
absoluto,
(nem um sopro de fé para deter-me,
nem um lenho de cruz para deitar-me).



Ruy, aos 63 anos, ao lado da sua mãe, no dia do aniversário dela (80 anos), com os netos Ana Luiza e Ruy Guilherme em 04 de outubro de 1982.

Quem pode medir um homem?
Quem pode um homem julgar?
Um homem é terra de sonhos,
sonho e mundo a decifrar:
naveguei ontem no vento,
hoje cavalgo no mar.

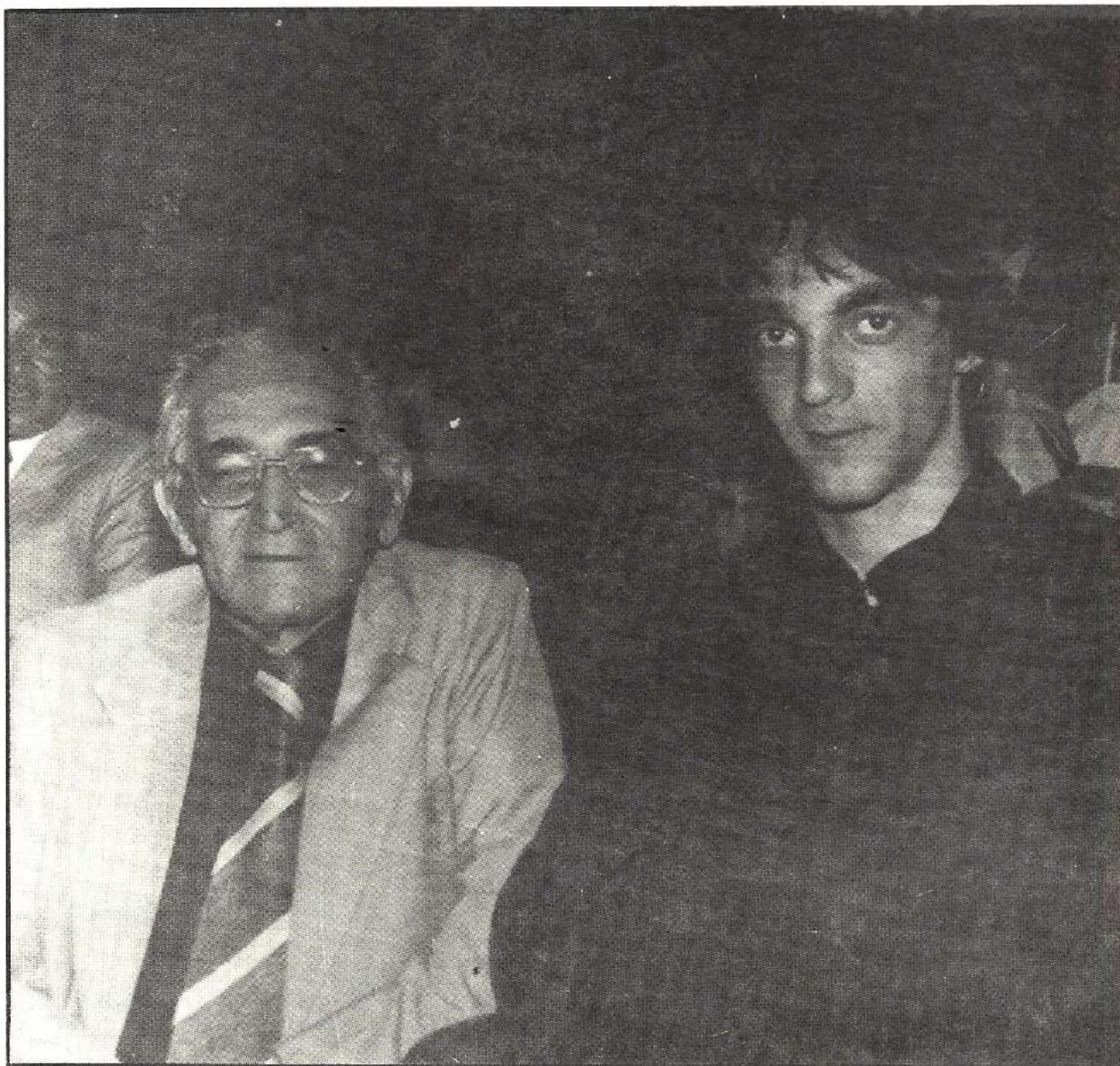
Hoje sou. Ontem, não era.
Amanhã, de quem serei?
Um homem é sempre segredos.
(Por qual deles purgarei?)
Dos meus netos, qual o neto,
em que me repetirei?

(na Canção dos quarenta anos)



Cresço em tempo e eternidade,
cresço em luta, cresço em dor,
não fiz meu verso castrado
nem me rendo ao opressor,
cresço no povo crescendo,
cresço depois que me for.

(Canção dos quarenta anos)



Ruy, na colação de grau do filho Tito Barata

*Que virtudes foram minhas?
Que pecados confessar?
Que territórios de enganos
a meus filhos vou legar?
A quem passarei meu canto
quando meu canto passar?*



Ruy Barata com o poeta Thiago de Melo e Paulo André Barata

Ó caminhos errantes, ó perdidos caminhos que
nos
conduziam ao mar desconhecido.
As floresta escuras
as águas turvas dos rios martirizados
não impediram o nosso límpido pranto,
a clareza e a vidência dos nossos destinos.

(Poema: Anjos dos Abismos)

CARTA

A Francisco Paulo Mendes

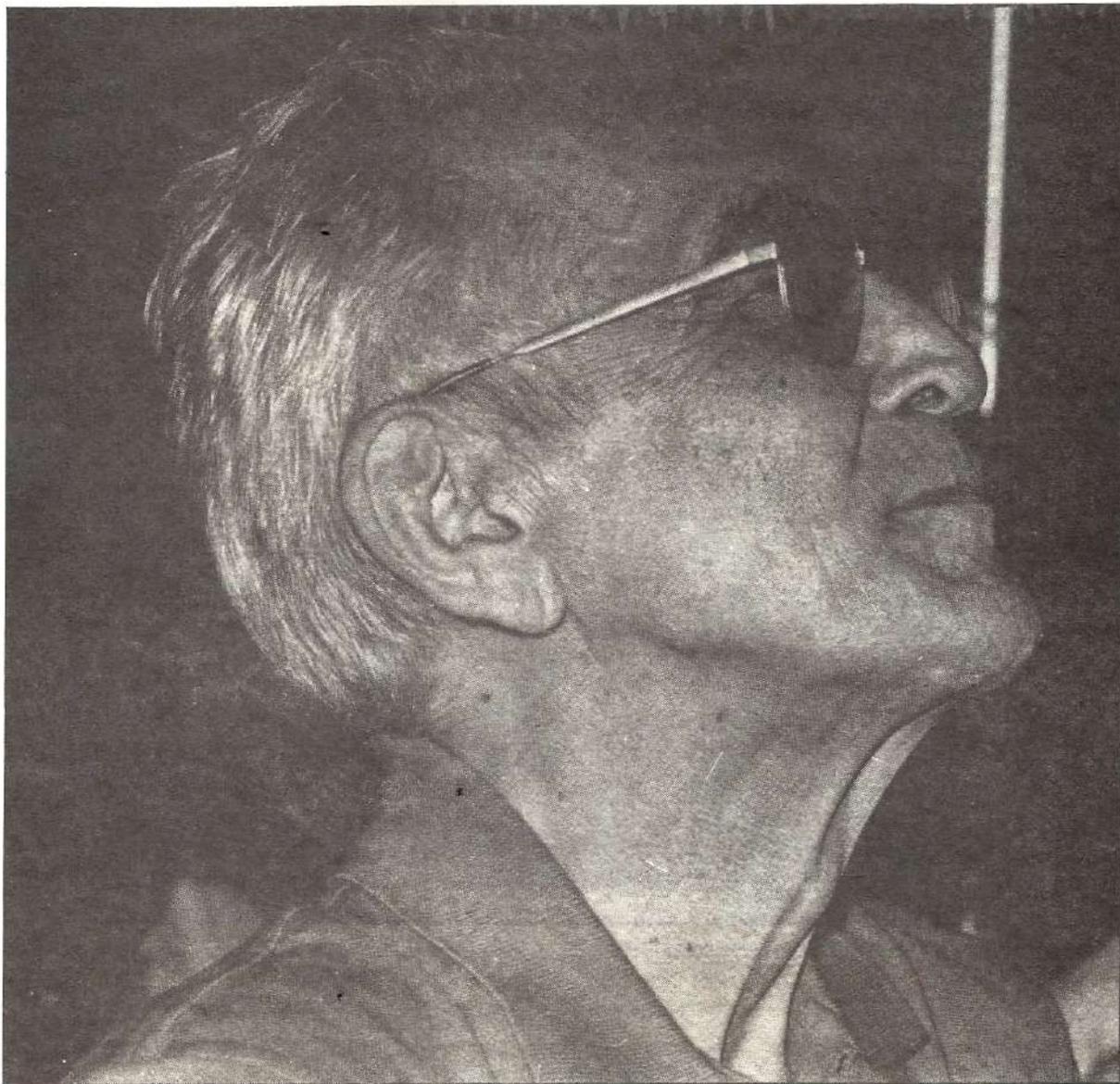


Foto: Geraldo Ramos - Videôto

Chico
não é o poema que me traz aqui
neste momento.
Não é o poema Chico,
é este cansaço,
este medo de ter tantos caminhos,
tantos,
e tão poucos satisfazem.

Não é o poema Chico,
é o desejo de contigo sair por essas ruas,
saber em qual esquina envelhecemos,
por que - sabes Chico?
o tempo não dissolve o que colhemos
e as nossas almas têm para mais
de mil e tantos anos.

Vamos Chico
não me negues a graça da presença.
Se eu te pedir a lua
- por favor vai correndo buscar
se eu te pedir a estrela
- manda a empregada comprar
se eu desejar a morte
- por que morrer de esperar?

Vamos Chico,
esta noite floresce na legenda que é tua
ninguém estranhará se nos beijarmos,
ninguém gargalhará se em vão chorarmos
como dois bêbados que se encontram na rua.
Anda Chico
toma o teu anjo e vem que este cansaço
é tão grande,
é tão triste,
é tão pesado,
maior que a solidão
maior que o mundo,
muito maior que o tédio e que o pecado.

Vamos Chico,
leva-me nas asas do teu anjo;
tira-me dos livros,
aparta-me do pranto,
pois loucura maior é impossível esperar
estas horas longas, estas longas horas,
que jamais,
jamais,
poderemos calar.

Vamos Chico,
quero ver de novo o mar
nosso rumo é o absoluto
onde iremos descansar,
plantaremos nossas flores,
pintaremos nossa cruz,
abriremos nossa cova,
e depois,
- pela madrugada
enquanto o tempo não pára
deitaremos calmamente
à espera do milagre.

Ó Chico
dá-me o teu braço que estou cheio de pecados,
dá-me o teu ombro que este nojo é bem maior.
E orações,
poesia,
amor,
não satisfazem
se me desamparares
tombarei.

Ó Chico além de nós é o tempo dissolvente
- amantes que nos beijam,
- telefones que nos chamam,
- cartas que escrevemos,
e esta ânsia de fugir ao tédio
que é o mais trágico e fatal
de todos os venenos.

Vamos Chico,
a memória dos versos não comove,
deixemos o epitáfio pois degrada,
deixemos este crime para o mundo
que a poesia não resolve nada.

Vamos Chico,
quero cobrir meu Deus de desespero
vamos depressa antes que o sol me chame
a outro mistério que não sejas tu.

(em A Linha Imaginária).



Ruy Barata

CARTA DE RUY

De Ruy Barata, o poeta de tantos êxitos, o colunista recebe este bilhete, cujo teor justifica a sua transcrição: “Edwaldo, meu caro. Sempre que morre um “imortal”, sou lembrado como provável sucessor do falecido, na Academia Paraense de Letras. Tenho velhos e queridos amigos naquela instituição. Isto não me autoriza a torrar-lhes a paciência, com visitas formais, portadoras dos clássicos pedidos de votos. Además, o chá acadêmico, embora generoso e salutar, não é bebida adequada para o boêmio incorrigível que tão bem conheces. Encerrando (até quando?) as atuais especulações em torno de meu nome, aqui vai o afetuoso abraço de teu constante leitor, (a) Rui Barata”.

Carta enviada ao jornalista Edwaldo Martins e publicada no jornal “A Província do Pará”. (do arquivo da família)

CARO STING:

Sou um dos muitos admiradores, não apenas de sua música, mas, também, de sua postura humana, solidária e participativa. Rejubei-me, creia, sabendo de seus últimos pronunciamentos, consubstanciados no respeito e no carinho, pelas nações indígenas e pela floresta amazônica. Vejo, porém, que a reunião de Altamira, desejada e aplaudida, por mim e por muitos, está sendo usada, por George Bush e pelo Congresso Norte-Americano, por Margareth Thatcher e pelo Parlamento de Sua Majestade, para realçar a incapacidade dos brasileiros, macaquitos do terceiro mundo, na formulação de uma efetiva política ecológica.

Representantes de um sistema, onde lucro e usura ocupam posições de vanguarda, não são eles os mestres mais indicados para nós ensinarem amor e respeito pela vida humana e pela natureza. De suas aulas preservacionistas, duas delas jamais serão esquecidas pela humanidade: a do massacre de 800 mil civis, em duas cidades japonesas, e a da destruição das florestas vietnamitas, através do chamado agente laranja.

Havendo participado de numerosas lutas, pela integridade territorial de meu país e pela autodeterminação de seu povo, conheço as mil artimanhas da cobiça internacional, sempre engenhosas e mirabolantes quando se trata da desnacionalização da Amazônia, último depósito mundial em reservas naturais.

Os que hoje negam créditos ao Brasil, para construção de uma hidrelétrica, representando o papel de defensores da cultura indígena e dos tesouros florestais do rio Xingu, são os mesmos

que, tempos atrás, pretenderam construir o maior lago artificial do planeta, represando o rio Amazonas e inundando a metade do meu Estado. Em nome de uma ecologia que eles nunca respeitaram, impedem a construção da Acre-Peru, uma estrada de ligação entre vizinhos. No entanto, continuam insistindo na Pan-Americana, uma rodovia intercontinental, reunindo o Alasca à Patagônia.

Sedentos de lucros, os capitães da morte destroem a Terra e a camada de ozônio que a protege. Hoje, voltam-se para a Amazônia, não para redimi-la, mas para vender os seus pulmões, loteando-os entre os grandes proprietários da rendosa indústria turística internacional.

Desses cavalheiros, nunca recebemos qualquer gesto de solidariedade desinteressada, apesar de nossos apelos e apesar dos nossos milhões de mortos, roídos pela desnutrição e pela fome. O que querem, o que pretendem, o que nos cobram são juros, juros, nada mais do que juros.

Por isso, caro Sting, a verdadeira luta por nossos tesouros ecológicos não se esgota na simples declaração de amor pela natureza amazônica, mas arromba os gabinetes de Wall Street e invade a privacidade dos banqueiros ingleses, onde são forjados as algemas da nossa pobreza e a pesada cruz do nosso subdesenvolvimento.

Se você estiver disposto a nos ajudar, nesse bom combate, creia na permanente gratidão de muitos brasileiros, dentre os quais, certamente, você encontrará o

RUY BARATA.

(publicada no jornal O Liberal em 14/03/89)
FONTE: Biblioteca Arthur Viana.

Revista da A.P.E.

ASSOCIAÇÃO PARAENSE DOS ESCRITORES



RUY BARATA:

"O intelectual tem que lutar pelo seu direito de ser. De ser até mesmo um intelectual."

A segunda edição do livro *Paranatinga* que chega totalmente revista e ampliada, com o título de *Ruy Guilherme Paranatinga Barata*, se constitui no novo momento de uma homenagem que Alfredo Oliveira prestou a Ruy Barata, em 1984.

Seis anos se passaram desde o lançamento da primeira edição deste livro - um encontro com *O cantor das coisas da Amazônia* - que agora reaparece com nova feição gráfica.

A publicação de um livro como *Ruy Guilherme Paranatinga Barata* reafirma o respeito ao Poeta e torna público o reconhecimento da Editora Cejup ao talento de Ruy Barata.



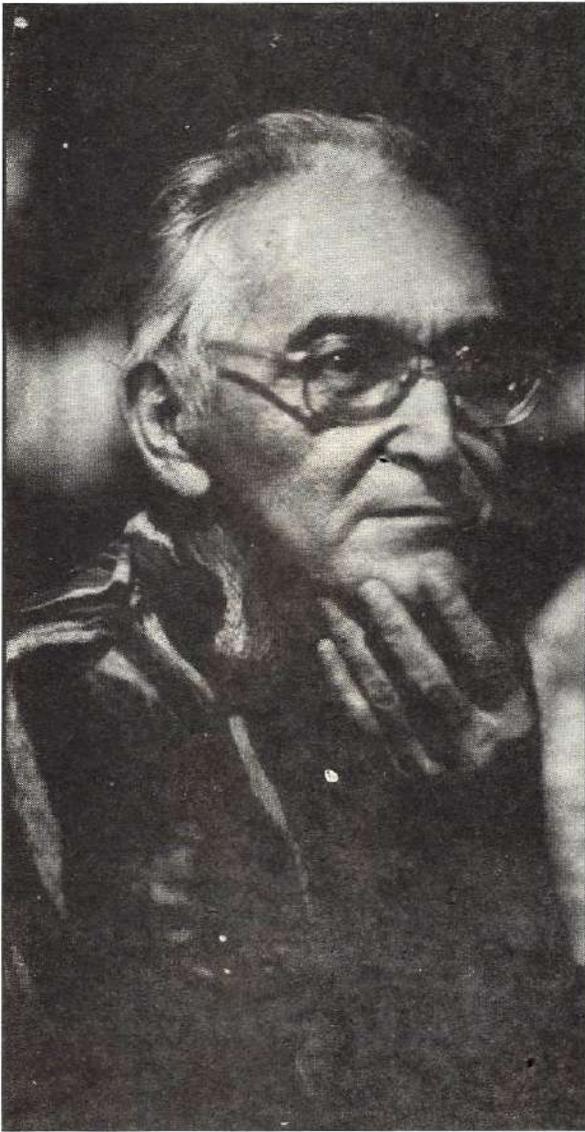
em *PARANATINGA* - de Alfredo Oliveira, pág. 96. 2ª edição, CEJUP

“
Não sou do amor, sou da paixão, que é o reino da criatividade.”
.....



Alfredo Oliveira e Ruy Barata

Alfredo Oliveira, autor de *PARANATINGA*, nasceu em Belém, onde diplomou-se pela Faculdade de Medicina e Cirurgia da Universidade Federal do Pará. Compositor e escritor, publicou: *O Touro Passa*; *Belém, Belém e Paranatinga*.



ARTE POÉTICA

Ah o ofício,
as contorções da espera,
entre a noite e a madrugada!
O litúrgico olhar abre cortinas,
o anjo adormeceu,
dança arbitrária
a minha barba de duzentos anos.
Quem poderá restituir-me intacto ao mistério
com o perfume de rosa não tocada?
Quem senão tu,
cântaro e fonte,
abrigo,
terra e pátria onde se esconde
a negra cicatriz que o peito ostenta?
Eis porque espero
(entre a noite e a madrugada)
para que salves
ou lances no infortúnio
o litúrgico olhar que em nova busca
apodrece sob o sol de desespero.

“- **T**odos os poetas são somas de muitos poetas. Render homenagem a um poeta vivo é o mesmo que render homenagem a Homero, que está na raiz da nossa formação ocidental. Enfim, o homem poeta é um ser profundamente conservador e preservacionista, ao estabelecer um permanente diálogo consigo e com as suas origens.

- A poesia não se faz com idéias e sim com palavras. Há que atravessar o reino das palavras e delas retirar o mítico e o mágico.”

Paranatinga segura o queixo e balança a cabeça. Afirma:

- Nunca tive intenção de publicar nada, muito embora, depois de um certo número de poemas, esteja pronto um livro.

em PARANATINGA - de Alfredo Oliveira, pág. 96.
2ª edição, CEJUP

E se o poema vier?
Poema é bicho acanhado,
poema se ruboriza
em se vendo observado;
poema precisa jeito
para ser encurralado;
poema é criança tola
gosta de ser adulado.
Poema visto se esconde,
um custo para ser achado.

Canção do poeta vigiado pela polícia

“Poesia é trabalho, trabalho com as palavras”

(Ruy Barata)

“- Todos os movimentos poéticos denunciam uma crise da palavra. Momentos há em que ela já não expressa tudo o que o poeta quer dizer. Daí o romantismo incorporando palavra e música, integração que se aprofundaria no simbolismo.”

(em Paratatinga - Alfredo Oliveira)

“Poesia, como qualquer outra profissão, é trabalho, trabalho com as palavras.”

(entrevista a Fábio Castro)

“- Poesia é política porque ambas são militantes, militantes da estética ou do social, e se não são militantes nada vão ser além de conversa fiada.”

(entrevista a Fábio Castro)

“- A realidade chega a mim e eu a recrio. A inventiva é fundamental. Sem invenção não existe letra, nem poesia. E quem nos ensina isso é Fernando Pessoa.”

(em Paratatinga - Alfredo Oliveira)

“Procuro fazer a letra como um carpinteiro faz uma mesa. É um trabalho a ser feito. Então vamos! Só tenho que receber e transformar palavras.”

(em Paratatinga - Alfredo Oliveira)

“Todo poema é uma entidade, autônoma. Não vejo em nenhum poema meu síntese de nada. Considero que, no fundamental, o poema é uma atividade lúdica. E dentro de um homem existem vários homens.

A letra me põe numa grade. A poesia me dá liberdade completa. A letra tem que estabelecer comunicação com o público. A poesia não tem obrigações. A poesia transcende a palavra. A letra se mantém no plano temporal. Às vezes uma letra é poética, mas não obrigatoriamente. A verdadeira obrigação da letra é casar com a melodia e seguir com ela indissolúvelmente junta.”

(em Paratatinga - Alfredo Oliveira)

No fundo acho que todo poema é um símbolo.

(em Paratatinga - Alfredo Oliveira)

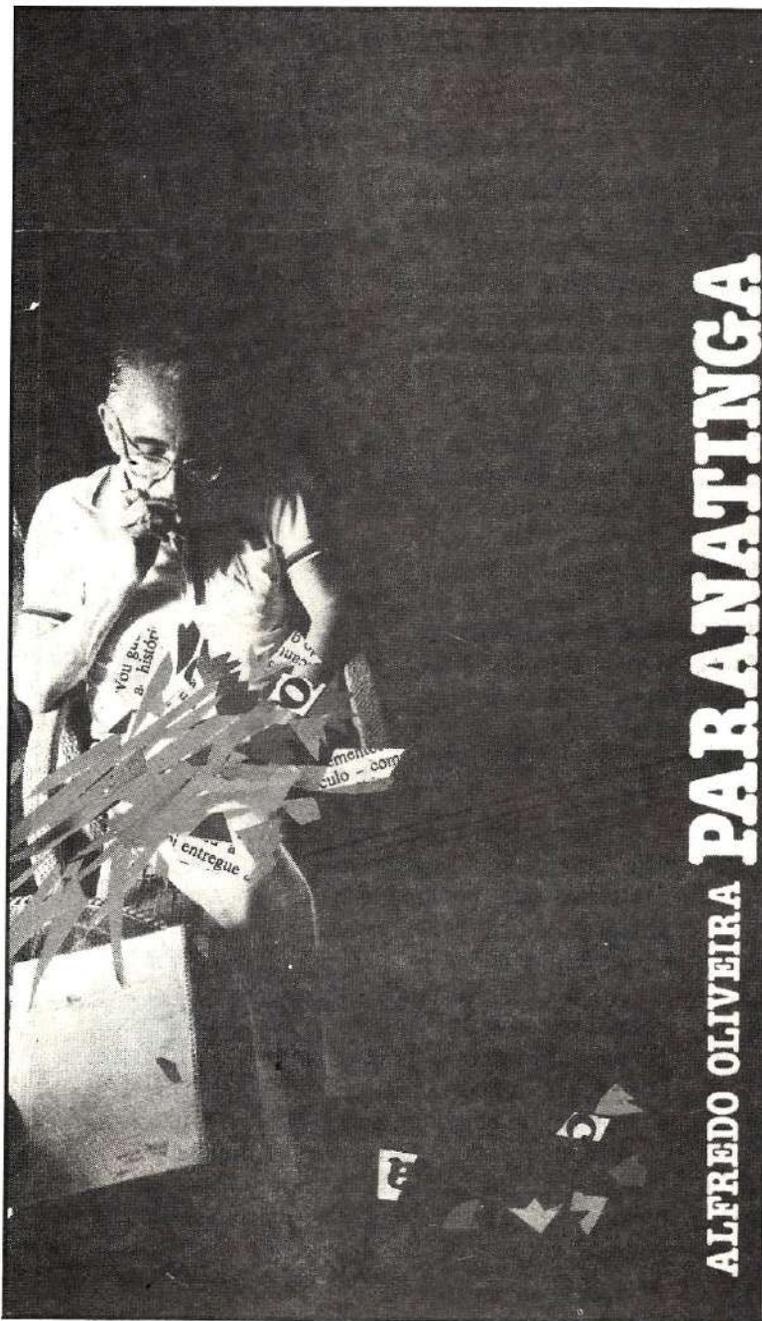
E acrósticos? O poeta ri.

“Também não. Já nasci com os versos soltos e livres.”

(em Paratatinga - Alfredo Oliveira)

“O que nunca me foi perguntado e que sempre quis dizer é que a política, a militância política e todo questionamento social é, no fundo, uma poesia, porque ambas, política e poesia, nutrem uma esperança comum de beleza e se alimentam do sonho de uma utopia, que é estética e social.”

(entrevista a Fábio Castro)



Reprodução da capa da 1ª edição
Capa: Emanuel Nassar
Foto: Luiz Braga
Patrocínio: Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo
Impressão: Falângola Editora

“Nada é definitivo em poesia”

“A poesia é sempre um passar a limpo. É sempre uma convivência dolorosa que, de repente, uma palavra já não nos parece mais carregada da significação que passou a ter para nós. Não é mais uma questão de escolher uma palavra melhor, porque aquela palavra já não está com a carga de significação que a gente pretende.”

(em entrevista a João Carlos Pereira, na Revista da APE)

Canção do Guerrilheiro Torturado

Ai, general De Gaulle!
 Ai, general Salan!
 Vossos bravos me torturam
 na rósea luz da manhã,
 vossos heróis sem Marengo,
 vossas águias sem Wagram.
 Ai! General De Gaulle!
 Ai! General Salan!

Paraquedista que pairas,
 rosa aberta em solidão,
 por que nos ventos colheste
 o raio da maldição?
 Por que não trazes da França,
 de seu céu, como lembrança,
 um colar de nuvens brancas,
 doirados sóis em botão?
 Por que não trazes a estrela,
 na palma de tua mão?
 Por que não pediste à lua
 o amor sem remissão?
 Há uma Argélia nascendo,
 na ponta de teu ferrão
 e uma França que perece
 na mais negra humilhação.

Ai! general De Gaulle!
 Ai! general Salan!
 Vossos bravos me torturam
 na rósea luz da manhã,
 vossos heróis sem Marengo,
 vossas águias sem Wagram.
 Ai, general De Gaulle!
 Ai, general Salan!

Argélia teu nome cresce
 nos meus gemidos de dor
 e uma França desfalece
 por onde meu pranto for
 não a França de Joana,
 mas a França do impostor.
 essa França que se afoga
 no seu próprio desamor.
 França que morre na usura
 das palavras sem valor,
 que se peço liberdade,
 dá-me lições de terror.
 França da extinta ventura
 França de triste figura
 França aos pés da sepultura
 morre França por favor.

.....

este o dir de maldição?
vossas
 Há uma Argélia ^{que nasce} nascendo
 por onde meu pranto for.
 Argélia meu peito ^{França que enuncia} enuncia
~~Argélia~~ ^{que nasce} grita de dor ^{por onde meu pranto for}
 Argélia é tudo que se ergue
 o direito ao usurpador.

Não oi França de Joana
 mas a França do ^{impostor} impostor
 essa França que se afoga
 no seu próprio desamor.
~~uma França~~ ^{França que, rola venida} que ^{surta} surta
 ao calcador do usurpador.

Fra me que foi sua entran
A França que toubo certo
que se peço a liberdade
da-me torturas e terror;

Há uma Argélia ^{que cresce} que cresce
 nos meus gemidos de dor
 e uma França ^{que desfalece} que desfalece
 por onde meu pranto for
 não a França de Joana
 mas a França do impostor
 desta França que se afoga
 no seu próprio desamor
 França que morre no usura
 das palavras sem valor
 que se peço liberdade
 dá-me o ^{techo} terror do opressor.
 França de rosto quadrado
 França de aristo helena
 França de almas indolentes
 Move França por favor.

Os manuscritos apresentados nestas páginas,
 e que retratam o trabalho do Poeta com as palavras,
 foram cedidos pela família Barata.

SANTARÉM

Paulo André e Ruy Barata

Santarém,
essa velha cantiga.
Santarém,
nessa brisa que vem.
Vem saber em que sonhos vivi,
ou se ainda criança meu canto chorado
procura por ti.

Bebe na cuia pitinga que me batizou,
benze a ferrada de arraia
que a Rosa curou - mais dói...
Olhe o banzeiro do rio
na praia que sou
olha a catraia do Maia
que em mim atracou.

Vai brisa vai,
vai, vai dizer
como crescer dói...
Mas diz também,
diz sem chorar
que meu todo querer
é teu, sempre teu Santarém.

Paulo

Toda a segunda estrofe é, como todos ver, dirigida ao vento. O acumulos de esses, no segundo verso da mesma estrofe, (ferrada, ferrada, arraia, Rosa) sugere o caustico da ferrada dando maior expressividade ao verso e à interpretação do intérprete.

No terceiro verso substitui a palavra existente, na primitiva fórmula, por banzeiro por duas razões. Banzeiro vem de banzo palavra de origem africana, muito corrente na Santarém do meu tempo. No ~~mesmo~~ mesmo verso e no quarto procurei juntar foi em aia (praia, catraia, Maia) que sugere o som da canoa sendo arrastada na areia.

Maia, o pai do Maia que conhestei, era um dos mais velhos catraieiros da Santarém do meu tempo.

Penso que a letra ficará em termos, se aceitares essas modificações, que me parecem fundamentais.

Ruy



“Ser parceiro do Paulo André além de grande prazer foi um dos deveres da paternidade. Contudo não constitui um fato obrigatório. A nossa primeira composição de parceria foi feita depois de 64 e chamava-se “Rosa Rubra”. Exaltava a liberdade e manifestava-se contra o obscurantismo daquela hora. Dela só guardo de memória um pequeno trecho:

...Que esta rosa nasceu rosa,
Para rosa rubra ser,
Rosa de todas as rosas,
Nas rosas do amanhecer.”

(Ruy Barata - em “Paranatinga” de Alfredo Oliveira
- pág. 48: 2ª edição CEJUP)

PAUAPIXUNA

Paulo André e Ruy Barata

"Cumprindo as ditriminações de V. Excia. inspecionei a Costa do Pauapixuna perto de Óbidos, onde esta o cacual de Sua Majestade. A gente desse lugar é hastante vadiu e desambicioso de ganho e de comércio. Quando não está com suas violas ou mergulhados nas suas bebices, em que são absolutos, cuidam no gadinho e do pouco cacau que vai desaparecendo com as enchentes."

De um relatório de Antonio Gomes Falção, datado de 16 de junho de 1859 e dirigido ao Governador do Estado.

Uma cantiga de amor se mexendo,
uma tapuia no porto a cantar,
um pedacinho de lua nascendo
uma cachaça de papo pru ar.
Um não sei que de saudade doendo
uma saudade sem tempo oí lugar,
uma saudade querendo, querendo,
querendo ir e querendo ficar.

Uma leira, uma esteira,
uma beira de rio,
um cavalo no pasto,
uma égua no cio,
um princípio de noite,
um caminho vazio,
uma leira, uma esteira,
uma beira de rio.

E no silêncio uma folha caída,
uma batida de remo a passar,
um candeeiro de manga comprida,
um cheiro bom de peixada no ar.
Uma pimenta no prato espremida,
outra lambada depois do jantar,
uma viola de corda curtida,
nesta sofrida sofrência de amar.

Uma leira, uma esteira,
uma beira de rio,
um cavalo no pasto,
uma égua no cio,
um princípio de noite,
um caminho vazio,
uma leira, uma esteira,
uma beira de rio.

E o vento espalhado na capoeira,
a lua na cuiá do bamburral,
a vaca mugindo lá na porteira,
e o macho fungando lá no curral.

O tempo tem tempo de tempo ser,
o tempo tem tempo de tempo dar,
ao tempo da noite que vai correr,
o tempo do dia que vai chegar.

Uma leira, uma esteira,
uma beira de rio,
um cavalo no pasto,
uma égua no cio,
um princípio de noite,
um caminho vazio,
uma leira, uma esteira,
uma beira de rio.

(*) Gravado por Fafá de Belém, em disco Polygram, e Paulo André, em disco Continental. Trilha musical de novela.

FOI ASSIM(*)

Foi assim,
como um resto de sol no mar,
como os lenços da preamar,
nós chegamos ao fim.

Paulo André e Ruy Barata

Foi assim,
quando a flor ao luar se deu,
quando o mundo era quase meu,
tu te foste de mim.

"Volta, meu bem", murmurei.
"Volta, meu bem", repeti.
"Não há canção nos teus olhos,
nem amanhã nesse adeus!"

Horas, dias, meses se passando
e, nesse passar, uma ilusão guardei:
ver-te novamente na varanda,
a voz sumida e quase em pranto,
a murmurar "meu bem, voltei".

Hoje essa ilusão se fez em nada
e a te beijar outra mulher eu vi.
Vi no seu olhar envenenado
o mesmo olhar do meu passado
e soube então que te perdi.

(*) Gravado no exterior e no Brasil, por Fafá de Belém, em disco Polygram. Trilha musical de novela e filme

NATIVO(*)

Paulo André e Ruy Barata

Desse rastros dormindo nasce um campo,
na repona dos ventos e mugidos,
caviana de comos bubuiando,
barcarenas a ser, ou for, em sido.

Há sempre o que sortir nesses doendo,
de lonjura silendo e sipurgando,
amor é meses-mares siregendo,
amor é sipartindo e sichegando.

Amor é amar, em dois, predicativo,
amor é sisofrendo e sisofrido,
amor é simorrendo e simatando,
amor é dez em dois de simorrido.

E tudo amor, amor, em erre aspado,
amor em solsoldado e solsoldado,
amor é eme urdido e eme atado,
amor de mor amor de amor talhado.

(*) Gravado por Fafá de Belém e Paulo André, em disco Continental. Trilha musical da novela "Aritana". Vencedora do Festival Latino-Americano "Costa a Costa", realizado no Uruguai.

ENCHENTE AMAZÔNICA(*)

Paulo André e Ruy Barata

*"Em tempo de enchente, muita gente chora,
muita gente mente."*

*Um dos muitos ditados de dona Sinhá
Salviano, moradora na costa de Óbidos.*

Corre, corre Zé Basto,
corre no pasto,
junta o que é teu.
E te açulera Celecindo,
as águas vem vindo
os têsos sumindo.
(valha-nos Deus!)

Ontem, quasi três braços
No Jirau da Graça
o rio inchou.
Hoje lambendo calmo
mais de seis palmo
já mergulhou.
Enche no Matá,
Aritapera e Tapará,
enche no Breu,
e no varjão da Conceição
só dá perau,
rolando pau,
comendo chão.

(E não é cheia só pru gasto)
Corre, corre Zé Basto,

Não ser,
(embora seja no retrato)
não ter,
(para ao flagelo condenar-se)
não sentir o chamar do céu porque beleza
e memória de ausências povoada.
Estamos sós,
bem sei,
e como é noite
arrancas o teu mundo no arbitrário
e a poesia morde o que não é.
Quem te susteve o braço suicida:
a ode ou o catecismo?
Quem te ligou à sorte deste povo:
o sonho ou a promissória?
Quem te fez espalmar a mão como inocente
e a cabeça baixar como culpado?

Ó tempo
ó dimensão do exílio e da orfandade
e se não digo eterno,
quase eterno,
deixai toda esperança
"voí che entratte"

(A Linha Imaginária)

É A MORTE QUE VAI CHEGAR DA IMENSIDÃO DOS MARES

Meu Deus é a morte que vai chegar
na estranha voz dos velhos sinos,
é a morte que vai chegar das regiões eternas
enquanto eu vigiava as pálidas estrelas.
É a morte que vai chegar da imensão dos mares,
é a noiva esquecida sob a velha mangueira
que entrou inesperadamente pelas janelas abertas.
Estou sentindo os seus passos ecoando
pelos corredores escuros,
estou sentindo suas mãos geladas pousadas nos
meus olhos
e o frio que de repente entrou na minha alma.
Estou sentindo as minhas mãos trêmulas e
hesitantes,
a inutilidade das minhas súplicas
e o rosto iluminado da bem-aventurança dos que
morreram
sem pecados.
Estou sentindo o perfume dos lírios,
das rosas encarnadas,
o pavor do silêncio nos olhos das adolescentes,
de vós todas que amei no princípio das cálidas
manhãs.
Estou sentindo a casa ensombreada
pelas panarias negras,
o choro convulsivo das mulheres piedosas
sob a luz bruxuleante das velas.
Estou sentindo sobre o rosto imóvel um bafo de
oração,
a ronda dos que amanhã me levarão para o
esquecimento
pelos mesmos caminhos onde andei descuidado
à procura de todos os amores.
Meu Deus é a morte que vai chegar tão cedo das
alturas,
é a morte que me vai levar tiritante pela
madrugada
na hora em que os amantes procuram
no calor das alcovas.
É a morte que vai chegar com o seu manto de
trevas
sobre o meu pobre corpo ensangüentado.

RUY BARATA MORREU ONTEM EM SÃO PAULO

Morreu ontem, em São Paulo, aos 69 anos, o poeta, professor, compositor e ex-deputado estadual Ruy Guilherme Paranatinga Barata. Ele estava em São Paulo fazendo uma pesquisa sobre a viagem empreendida a Belém pelo escritor Mário de Andrade, em 1924, que seria incluída em um livro sobre os anos 20, a ser publicado pela Editorial Cejup. Ruy Barata submeteu-se a uma operação no Hospital Santa Rita e morreu de embolia pulmonar, consequência de efeitos colaterais da anestesia. Dentre dezenas de músicas, Ruy Barata compôs, em parceria com o filho, Paulo André, "Foi Assim", primeiro sucesso nacional da cantora Fafá de Belém. Nascido em 1920, ele faria 70 anos no dia 25 de junho e lançou seu primeiro livro em 1943, pela Editora José Olímpio, "Anjo do Abismo", com 24 poemas escritos no período de 1939 a 1942. O enterro do poeta sairá hoje, às 11:00 horas, da Assembléia Legislativa. (Pág. 10).

(Transcrito do jornal "A Província do Pará" do dia 24/04/1990) —

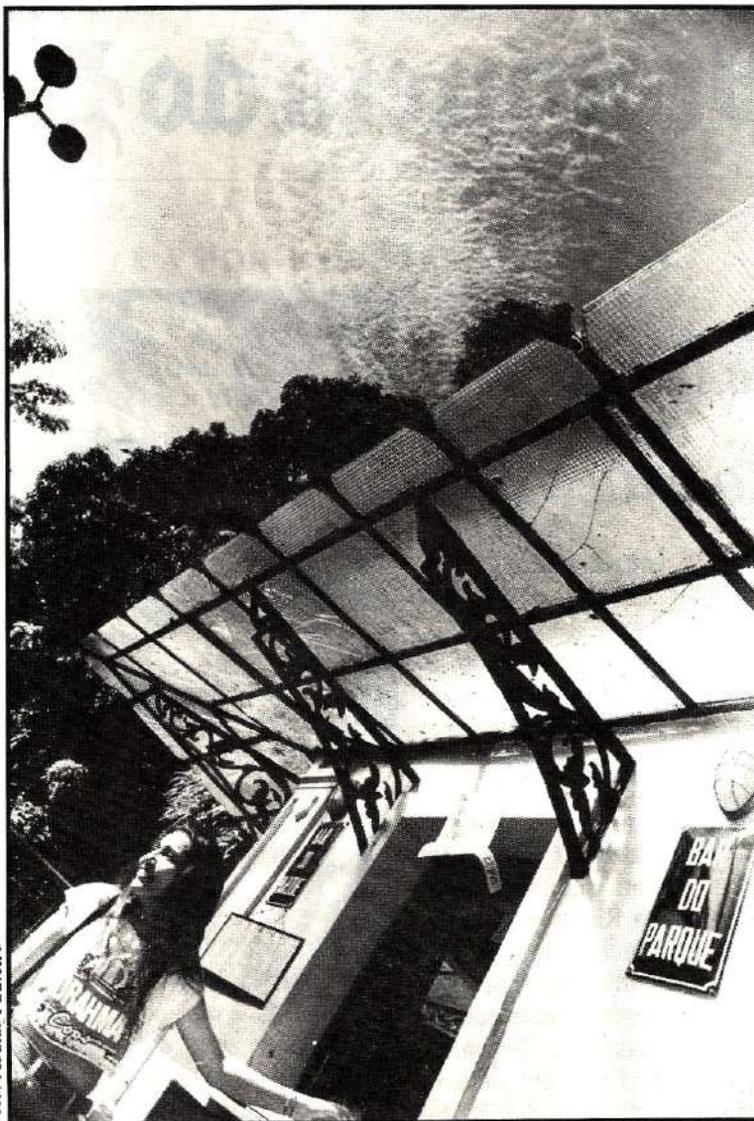


Ruy Barata, professor, compositor, poeta e ex-deputado

*terei parte desta terra
por onde meu nome foi*

Ruy Guilherme P. Barata

Foto: Abdias Pirheiro



Exilado entre mesas, arquipélagos
de um mar de vinho e música
o Poeta celebra

- oh! anjo dos abismos-
com seu riso feroz
e claras odes,
a linha imaginária onde navega
entre Penélope e Circe repartido,
em maiandeuas de sonho
em afogadas ternuras
em espumosos versos:
cânticos calados.

(trecho do poema "Bar do Parque revisitado", de João de Jesus
Paes Loureiro, onde surge a figura ímpar do Paranatinga).
(em Paranatinga - Alfredo Oliveira)